



**CARACTERÍSTICAS MACROSCÓPICAS E MICRO-HISTOMORFOLÓGICAS DA
EPOROTRICOSE FELINA E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE ÚNICA**

**CASTRO, Ana Luiza¹; TOREZANI, Caio²; DUTRA, Emanuelle³; LARA, Giovanna⁴; SANTOS,
Lucas⁵; DRUMOND, Luisa⁶; RUFINO, Marina⁷.**

^{1,2,3,4,5,6,7} Discente no Curso de Medicina Veterinária - Centro Universitário Una - Belo Horizonte/ MG – Brasil

Autor para Correspondência, E-mail: nalu.castro@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O fungo *Sporothrix brasiliensis* é um dos agentes causadores da esporotricose felina, zoonose micótica que afeta principalmente gatos machos não castrados pelo comportamento de briga e conflito. Em humanos esta zoonose está associada ao contato com gatos domésticos, principalmente felinos machos e de vida livre, devido ao alto índice de exposição. Trata-se de uma doença endêmica no Brasil, especialmente na Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro, a doença é de notificação compulsória desde 1990. A crescente expansão da micose em áreas urbanas brasileiras transformou-a em uma séria preocupação de saúde pública, com o felino atuando como elo crucial na cadeia de transmissão zoonótica. O manejo eficaz da esporotricose, portanto, exige uma abordagem integrada que reconheça a interdependência entre a saúde animal, humana e ambiental. Este trabalho tem como objetivo caracterizar os aspectos de lesões macro e microscópicas, e histomorfológicas da esporotricose felina dentro do contexto da saúde única.¹

METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em uma revisão bibliográfica narrativa da literatura científica sobre esporotricose felina, com foco em aspectos anatomopatológicos e Saúde Única. A busca de dados foi realizada entre Agosto/2025 e Outubro/2025 nas bases de dados Google Acadêmico e SciELO (Scientific Electronic Library Online). Foram utilizadas as seguintes palavras-chave em português e em inglês: esporotricose felina, aspectos macroscópicos das lesões, achados na necropsia, histopatologia e esporotricose, saúde única; Feline sporotrichosis, Macroscopic aspects of the lesions, Necropsy findings, Sporotrichosis and histopathology and One Health.

RESUMO DE TEMA

A esporotricose é uma micose subcutânea causada por espécies do complexo *Sporothrix*, sendo o *S. brasiliensis* o agente mais virulento e predominante no Brasil. Suas características são: fungo dimórfico, no ser humano levedura no ambiente filamentosos.¹

Trata-se de uma micose causada pelo contato direto de esporos de *Sporothrix spp.* com feridas na pele. Historicamente ligada ao contato com solo e matéria orgânica, a infecção em humanos e animais ocorre principalmente pela inoculação do fungo. Os gatos são os animais mais suscetíveis, pois seus hábitos de arranhado e cavar aumentam a exposição ao fungo presente no solo e em árvores, tornando-os importantes transmissores da doença.²

Conforme Pereira et al. (2014), animais adultos ou jovens, machos, sem raça definida (SRD), não esterilizados e com livre acesso às ruas constituem o grupo mais suscetível à infecção e à transmissão do agente etiológico para outros animais e seres humanos.³

As lesões cutâneas, são comumente encontradas nas regiões de cabeça, orelhas e no nariz, podendo evoluir para formas sistêmicas. Há dois padrões de lesão: Alta Carga (grande quantidade de leveduras intracelulares em macrófagos, além de infiltrado neutrofilico leve a moderado) e Baixa Carga (Leveduras escassas e extracelulares, em meio a células epitelioides e acentuado infiltrado de neutrófilos).¹



Figura 2: Lesões causadas pela esporotricose em felinos. (Fonte: Prefeitura de Montenegro).

Macro e microscopicamente, observam-se lesões ulcerativas com exsudato mucopurulento e formas fúngicas em "charuto". Técnicas como PAS (Ácido Periódico de Schiff) e Grocott são importantes para a identificação morfológica do fungo. A coloração PAS é utilizada para detectar polissacarídeos e mucinas, corando os fungos (além de glicogênio e membranas basais) em rosa-vermelho. Já a técnica de Grocott é considerada mais específica para a identificação de fungos, pois utiliza prata para corar diretamente suas paredes celulares, resultando em uma cor marrom ou preta.¹

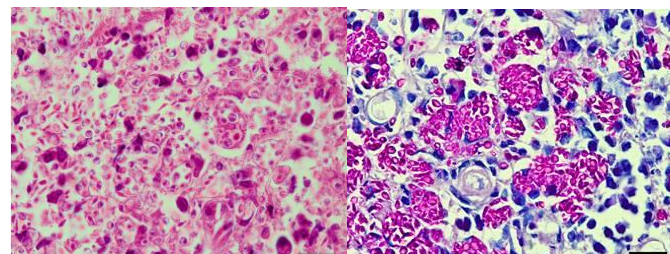


Figura 2: A esquerda: Presença de macrófagos repletos de formas leveduriformes intra e extracelulares. As leveduras exibem pleomorfismo, incluindo formas redondas, ovais e bacilares (charuto). Método: HE, Objetiva 100x. A direita: Visualização de numerosas leveduras (formas fúngicas) coradas em rosa, a maioria intracitoplasmática em macrófagos. Padrão de lesão similar ao das Figuras 5 e 6. Método: PAS, Objetiva 100x. (Fonte: BAZZI, Talissa et al.).

O tratamento principal para a esporotricose em gatos é o Itraconazol, um antifúngico que deve ser administrado por um longo período. A duração mínima recomendada é de pelo menos um mês após a cura clínica total das lesões, o que frequentemente resulta em meses de tratamento contínuo. É essencial o acompanhamento veterinário rigoroso devido à gravidade da doença em felinos e à necessidade de monitorar a toxicidade do medicamento.⁴

Em humanos, a transmissão ocorre principalmente por contato direto com felinos infectados, por mordeduras ou arranhaduras. O processo infeccioso da esporotricose inicia-se com a inoculação do fungo no hospedeiro. Em seguida, o agente penetra o tecido e, nas camadas mais profundas, ocorre a crucial transição morfológica de filamento para levedura. Após a transição, a forma leveduriforme pode permanecer



restrita ao local de inoculação ou se disseminar através das vias linfática ou sanguínea. Em casos de transmissão por arranhaduras ou mordeduras de felinos infectados, o fungo é inoculado diretamente na forma leveduriforme (parasitária). As lesões são, em geral, nodulares, podendo formar redes de drenagem linfática, seguidas de prurido, ardência e dor. Também são comuns lesões ulcerativas com rápida disseminação pelo corpo.⁵

A esporotricose apresenta formas cutâneas e extracutâneas, sendo a linfocutânea a mais comum (até 90% dos casos). As formas fixa e disseminada ocorrem com menor frequência, esta última associada a imunossupressão e HIV, podendo atingir ossos, articulações e sistema nervoso central. As manifestações extracutâneas incluem acometimentos osteoarticulares, oculares, pulmonares e neurológicos.⁶



Figura 2: Lesões cutâneas causadas pela esporotricose em humanos. **Fonte:** FIGUEIREDO, Juliana Nunes de; DUARTE, Melini Costa (2022).

De acordo com o Ministério da Saúde (Nota Técnica nº 06/2024), o tratamento da esporotricose humana é realizado com itraconazol, iodeto de potássio e anfotericina B (disponíveis no SUS). Em casos graves ou refratários, podem ser usados terbinafina e posaconazol, sob avaliação médica individual.⁷

Como forma de profilaxia, destaca-se principalmente o manejo correto do ambiente e dos animais. Para o manuseio de plantas, árvores e ferramentas de jardinagem, é crucial o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs), como luvas e roupas adequadas. A limpeza regular e apropriada de jardins e quintais deve ser realizada para evitar a proliferação do fungo. Em relação aos felinos, medidas de controle incluem a castração, o alojamento correto (evitando o acesso à rua) e o fornecimento de arranhadores próprios, reduzindo o risco de exposição ao fungo. Em casos de infecção de um animal, é mandatório o isolamento dele de outros animais e moradores para prevenir a contaminação. Por fim, em casos de óbito, o descarte adequado dos corpos, preferencialmente por meio da cremação, é recomendado para neutralizar o risco de dispersão do fungo no ambiente.⁴

Esta zoonose, frequentemente negligenciada e com baixo conhecimento por parte da população, é agravada pela ausência de políticas públicas eficazes que integrem as áreas humana e veterinária. A falha nesse reconhecimento e na ação coordenada transforma a esporotricose em um sério agravamento à Saúde Única, exigindo intervenções conjuntas no ambiente, nos animais e nos humanos.⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento dos aspectos clínico-epidemiológicos, histomorfológicos e tintoriais como a morfologia das leveduras e a

resposta inflamatória é fundamental para o diagnóstico da esporotricose felina e o controle dessa zoonose emergente. Devido à sua natureza de doença que afeta tanto animais quanto humanos, ressalta-se a imprescindível atuação dos órgãos de saúde pública e veterinária no modelo de Saúde Única. A erradicação e o controle efetivo da esporotricose dependem, portanto, da ampla disseminação de informações e de uma ação integrada entre a vigilância animal e a humana.⁸

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAZZI, Talissa; MELO, Stella Maris P. de; FIGHERA, Rafael A.; KOMMERS, Gláucia D. **Características clínico-epidemiológicas, histomorfológicas e histoquímicas da esporotricose felina.** *Pesquisa Veterinária Brasileira*, v. 36, n. 4, p. 303–311, 2016. DOI: 10.1590/S0100-736X2016000400009
2. ASSIS, G. S. et al. **Esporotricose felina e saúde pública.** *Veterinária e Zootecnia, Botucatu*, v. 29, p. 1-10, 2022. Disponível em: <https://rvz.emnuvens.com.br/rvz/article/view/594/547>. Acesso em: 10 out. 2025.
3. PANTOJA, M. de S. et al. **Esporotricose humana / Human sporotrichosis / Esporotricosis humana.** *Revista Eletrônica Acervo Saúde, Curitiba*, v. 24, n. 12, p. e16170, 2024. DOI: <https://doi.org/10.25248/REAS.e16170.2024>.
4. Orofino-Costa R, Freitas DF, Bernardes-Engemann AR, Rodrigues AM, Talhari C, Ferraz CE, et al. **Human sporotrichosis: Recommendations from the Brazilian Society of Dermatology for the clinical, diagnostic and therapeutic management.** *An Bras Dermatol.* 2022;97:757---77.
5. SANTA CATARINA (Estado). **Diretoria de Vigilância Epidemiológica (DIVE). Protocolo Esporotricose Humana e Animal 2025.** Florianópolis, SC: Secretaria de Estado da Saúde (SES), 2025. Disponível em: <https://dive.sc.gov.br/phocadownload/doencas-agravs/Esporotricose/Publicacoes/protocolo-esporotricose-humana-animal-2025.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2025.
6. TÓFFOLI, E. L. et al. **Esporotricose, um problema de saúde pública: Revisão:** *Pubvet*, [s.d.]. Disponível em: <https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/2977>. Acesso em: 10 out. 2025.
7. BRASIL. Ministério da Saúde. **Esporotricose Humana.** Brasília, DF: Ministério da Saúde, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/e/esporotricose-humana>. Acesso em: 1 nov. 2025.
8. FIGUEIREDO, Juliana Nunes de; DUARTE, Melini Costa. **As vertentes da esporotricose humana: revisão de literatura e relato de caso.** *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 8, p. [sem paginação], 2022. DOI: 10.34117/bjdv8n8-164. Recebido em: 21 jun. 2022. Aceito em: 29 jul. 2022.